

O REPUBLICANO

PROPRIEDADE

— DO —

Centro Democrático Vimaranesense

EDITOR E ADMINISTRADOR,
António de J. Teixeira
Comp. e Imp. Tip. Minerva Vimaranesense

REDACTOR PRINCIPAL,
Eduardo d'Almeida
Red. e adm. Rua do Gil Vicente

Emquanto é tempo...

Lá na aldeia chamam-lhe o *Ferrugem* porque pegando de conversar não ha forças que o descole. Na monotonia pingante do seu discorrer, o homem tem certa filosofia, a experiencia do gato escaldado, e muita observação ronhística e pacata. Pois veio à *vila* o *Ferrugem*, outro dia, mercar uns greiros de arrôes e umas pitadas de açúcar, para a mulher, que anda entolhida. Sofreu, com resignada madureza, o seu fadário, a marralhar pelas tendas, ora desconfiando do que lhe impingiam como uma pechincha de barato, ora sentindo arrepios na espinha quando lhe pediam uma exorbitância, e muito lepidamente o desegnavam—é tanto... ou largar!

Ferrugem, um pouco descoroçoado, matou pela segunda vez o bicho com uma golada de aguar-dente, precedida dum figo do Douro, e foi-se encostar à hobreira da porta duma mercearia, que de especial apresentaria apenas o ser perfeitamente semelhante a todas as outras.

A fome não perdoa, e, se alguma lei existe no mundo de inexorável fatalismo, é a do estomago, que tanto dá horas para agulodice dum banquete farto, como, sinistras, armando o braço do assassino. Os fréguezes vinham, mas, logo ao transpôr a soleira, enlivedeciam, descobrindo gestos irados, como são as figas para os agoiros... e era em voz nervosa, arremessada, sacante como um puxão de orelhas, que faziam as compras. E depois, quando, como perdido na longa mão afiada de ossos, desdobravam, no papel do tamanho de folha de roseira, um misterioso pó quasi invisível, arregalavam os olhos, gritavam: «ladrões! ladrões! que hade um pobre comer por este caminhar...».

Na cara do *Ferrugem* alvoreceu um sorriso,

as doces congeminções da filosofia faziam-no esquecer a miséria das calças arroxadas por causa da fraqueira.—«O' tiasinha é melhor não berregar que se cansa e mais engulhos depois lhe dá o apetite. Este senhor vende mais caro porque comprou mais caro, como o meu senhorio está à espera que o milho suba, porque—diz—que já não pode com as despesas, como eu, como a senhora... O caso é, pelo que ouço alumiar, que um rôr de gente, por toda a parte, anda tão empenhada, a estudar, a suar, a trabalhar na maneira da vida embaratecer, que tenho cá a minha aquela que a vida ficava, súbeto, mais barata, na verdade, se todos esses não fizessem mais nada».

Vamos já inclinados a crer que o *Ferrugem* falava certo, aliás desconhecido dos teatraes enrêdos da comédia, com um desfecho trágico e visinho, com que nos tem entretido à conta das subsistências. E, se a momentosa questão (como é de bom uso referir-se) ainda preocupava as nossas obrigações jornalísticas, não é para a acirrarmos com beliscosas arranhaduras no lombo dos despreocupados, mas, e ao geito do obscuro labrêgo, mais por uma necessidade de desabafo. Muito principalmente considerando: revoguem-se as medidas tomadas legislem-se outras, a situação irreduzível é sempre a mesma desde que permaneça o principio de nos andarmos a comer uns aos outros com uma perfeita e modelar falta de juizo.

Todos nos revoltamos contra a engorda dos interesses alheios, afagando, todavia, o consolador prazer de redobramos a própria maquia. Os proprietários alcunham os comerciantes com os mesmíssimos epitetos, e igual razão, que os comerciantes esvurmam contra os proprietários, o industrial contra o banqueiro, o proletário contra o patrão—e, depois, afinados, em unisono e

comovente côro, alerta contra o govêrno, que, efectivamente, não tem conseguido realizar medidas producentes—nem outro haverá tambem mais feliz. Simplesmente, nesta baralha de egoismos acotovelando-se, a pobreza tornou-se indigência, os remediados naufragam, e a hora tôrva aproxima-se em que o desvairo será a regra da justiça popular e a violência o final argumento decisivo e... contundente.

São velhas qualidades atávicas supurando da pustula duma sociedade desorganizada e analfabeta. Outros fôssemos nós, os berradores impenitentes, que, desde o comêço da guerra, teriamos, previdente e sensatamente, deitado as mãos ao rûde trabalho, a vil tarefa para o nosso peraltismo de enxóta-cães, de tornar mais productiva, mais fecunda, na sua maternidade carinhosa, a terra bemdita; que, na officina e no laboratório, na escola e na varzea, haviamos de apetrechar-nos—com a agilidade do pensamento, os nêrvos da electricidade e os musculos do ferro—mais do que para as necessidades do presente, para a dignificadora expansão económica do futuro. Outro senso latejasse na morrinha cerebral da nossa rotina,—e para que esse atropêlo caricato de se fecharem as portas dos concelhos aos visinhos, porque não deixar os generos circular livremente em tôdo o pais, quando, como os jornais noticiam com invariável paciencia, em cada dia, as portas grandes da nação se escancaram às mais infrenes explorações da grossa açambarcagem?—

A' noite, o *Ferrugem*, migando a borda no caldo de couves, recosido, olhou de esconso a mulher com enternecida comoção, ainda coçou duas vezes a cabeça, e pôs-se a cantarolar, engasgando os troços nas guelas.



TROVAS

Cada qual canta o que pode
Cantar com sinceridade,
Eu quando agora te vejo
Só canto a minha saudade.

Dizem que a vida e a morte
São iguais. Não pode ser;
Morrer é estar de ti longe,
E estar contigo é viver.

Dizem que a gente não sabe
O que é a vida—logo vi:
Eu cá só sei que estou vivo
Quando estou ao pé de ti.

«Feitiços! já não ha disso»
Dizes, mas de tal maneira
Que me faz ver que ha feitiço
É que tu és feiteira.

Como na tua cabeça
Flutua o lenço em adejos!
Rosa, empresta-me o teu lenço
Que t'o dou cheio de beijos.

Deve de ser jardineiro
Aquêlê moço bem pôsto:
Pois sempre que êle te fala
Ficas com rosas no rôsto.

Deves ser um astro vivo
Que anda na terra a vagar:
Pois mesmo em noites sem luar
Quando tu ris—ha luar.

«Assassina» á bôca cheia
Chamar-te, ao chegar, ouvi;
Porque os rapazes da aldeia
Morrem-se tôdos por ti.

Quando o teu olhar se embebe
Na lua, á noite, a brilhar,
Parece que ela o recebe,
E és tu que lhe dás o luar.

Que alegres olhos, os teus!
A sua intensa alegria
Curou a melancolia
Que sempre houvera nos meus.

Tu perguntas porque eu canto
Assim tão despreocupado;
E' para espantar um mal:
O mal de te haver amado.

Quem canta seu mal espanta
Diz o pôvo ao desgraçado;
Pois dêsse mal quando canto
Sou eu quem fico espantado.

FILINTO DE ALMEIDA.



O morto que vai a enterrar

é Francisco José, Imperador de Austria... que, surpreendido, numa tarde de outono de 1848, pela noticia da abdicção de seu

tio, o Imperador Fernando, se despediu, com as lágrimas dos dezoito anos, da sua pobre e caída mocidade... *Rei Apostólico da Hungria*... Seis anos mais tarde, com o seu casamento, abre-se na história o mais trágico reinado. Alguns meses depois—*Rei da Boemia*—a jovem e formosa rainha, que viera iluminar de beleza e de bondade o velho castello de Schoenbrunn, sabendo-se traída por um marido leviano, apaga a imagem do noivo do seu coração altivo. *Rei da Dalmacia*—á frente dos soldados é derrotado e perde a Lombardia. *Rei da Croacia*—enganando de novo sua mulher, a rainha afasta-se do lar desfeito pelo marido devasso para uma peregrinação neurasténica e dolorosa. *Rei da Esclavonia, da Galicia, da Lodomeria, da Ilyria e de Jerusalem*—seu primo, o rei da Baviera, um louco, mata o medico de serviço e afoga-se no lago do Stanberg; *Grão-duque de Toscana e de Cracovia*—O arquiduque Lazlo morre num acidente de caça, a loucura alastra-se pela familia; *Duque de Lorena, de Salsburgo, de Styria*—seu irmão, o Imperador Maximiliano do Mexico é fuzilado com os seus generais Miramon e Mirra;—*Duque de Carintia, de Carniolla e de Bukovina*—o filho, o herdeiro do trôno, o orgulho altivo dos Habsburgos, que já pela morte de Carlos VI, sem descendencia masculina, tinham entrado na guerra, a primeira guerra dos sete anos, o Arquiduque Rodolfo, que bebericava pelas tavernas com os cocheiros de praça, tendo dilacerado o coração da mulher, a princesa Estefânia—*Grão Principe de Transylvânia*—mata a amante, a intriguista Baronêsa Vecsera, e suicida-se num pavilhão de caça em Meyerling. *Margrave de Moravia, Duque de Alta Silésia e da Baixa Silésia*—Luccheni, um louco imbecil, criminoso sinistro e cínico, mata com uma lima de três pontas, a desgraçada e bela Imperatriz—*Duque de Modena e de Parma*—quando embarcava no lago de Genebra. Disse então o criminoso (assim o contaram os jornais)—*Duque de Placencia e Guastalia*—que a matava porque ela vivia alegre e êle era um desgraçado, e a pobre Imperatriz, expirando—*Duque de Auschwitz e Zator, de Teschen e Friul*—, com um sorriso bondoso de libertação, respondia, os olhos embaciados ao esplendor da agua azul e tranquila do lago, aos que lhe perguntavam se sofria: Não!—*Duque de Ragusa e de Zara*—. A Princesa Izabel, sua neta, casa com um oficial de reserva,—o *Conde principesco de Habsburgo e do Tyrol*—, e a viuva do Arquiduque Rodolfo, a Princesa Estefânia, teima em casar—*Conde de Kiburgo, Goritz e Gradisca, Principe de Trento e de Brixen*—com Lonyay, um hungaro, da aristocracia burguesa; outra filha do Arquiduque Rodolfo casa com um oficial de cavalaria—*Margrave de Alta e da Baixa Lusacia e em Istria*; o Arquiduque Francisco Fernando, alguns anos o herdeiro do trôno, na côrte rigida e austera, na altiva e nobre Casa



Privilégio dos moradores da Freguezia de S. Tiago de Bougado

(dum velho livro manuscrito)

Privilégios do Reguengo da Maia

quando os ham mister, e receberem delles bem fazer em cada hum anno assim como capa pelote ou outra couza semelhante, e seos Lavradores, e homens que com elles viverem em suas cazas, e os servirem continuamente ou que delles receberem casamento ou outra satisfação sem serem acostados a outrem hajão todas as honras privilegios, e Liberdades que para os seos ham os Fidalgos e os do nosso Conselho. E queremos que todos aquellos que lhes lavrarem suas herdades proprias, emprazadas, aforadas, ou em que tenham uzo fructo ou algum proveito outro, que forem seus cazeiros encabessados, ou parceiros que lhes trouxerem suas herdades, não paguem a nós, ou a outra alguma pessoa, jugada de pão, vinho, linho, nem de algum outro fructo, assi elles, como os que lhes as ditas herdades lavrarem, e aproveitarem per qualquer maneira que as os ditos lavradores tragão emprazadas, aforadas, ou arrendadas a dinheiro, ou a pão certo, ou a meas, terço, quarto, quinto, ou per qualquer outra maneira que seja, porque de qualquer maneira que as tragão, não pagando jugada, he em proveito dos sobreditos. E se algum lavrar algumas suas herdades, posto que nellas não seja encabessado, per qualquer maneira que as traga, se não lavrar outra dalguma outra pessoa se não as dos sobreditos, não pague jugada, sem embargo de qualquer determinação, que per artigos geraes, ou especiaes, em contrario disto seja dada. E os lavradores que estiverem em suas herdades encabessadas, e as lavrarem, não sejam constringidos a ter egua nem cavallo, nem lhes sejam lançados, sem embargo de qualquer regimento, ou mandado nosso. E os seus cazeiros encabessados, mordomos, amos, e criados (e paniguados: diz a Ordenação), e outros que com elles viverem, não sejam tutores, nem curadores de pessoas algumas, salvo sendo as tutorias legitimas. Nem pouzem com elles, nem lhes tomem suas cazas de morada, adegas, estrebarias, roupa, palha, aves, bestas, nem outra alguma couza contra suas vontades, para nós, nem para a Rainha, Principe, Infantes, nem para outras algumas pessoas. E defendemos que nenhuma pessoa de qualquer estado, e condição que seja ouze fazer força aos sobreditos, nem a suas cazas, herdades, bens, nem a seus homens, e mulheres, gados, bestas, cazaes, quintas, e lugares, nem a outras couzas suas, nem lhes faça mal ou desaguzado, nem lhes pouze em suas cazas de morada adegas estrebarias. Nem lhes tomem a elles, nem a seus

que a fechara, tinha desandado a chave um pouco antes da fechadura contra as grossas pedras do muro! De maneira que, não tendo a lingueta enferrujada entrado na fechadura, a porta de nôvo se moveu sobre os gonzos.

O rabino arriscou fóra um olhar. Numa livida obscuridade, distinguia, antes de mais, um meio círculo de muros terrosos, escavados por espirais de degraus; e dominante, em sua frente, cinco ou seis degraus de pedra, um portico negro, abrindo para um vasto corredor, de que não era possível descortinar, cá debaixo, senão os primeiros arcos.

Rastejou, deitado, até à abertura da soleira.—Sim, era na verdade um corredor, mas dum cumprimento enorme! Um dia pálido, um luar de sonho iluminava-o: lamparinas, suspensas das abobadas, azulavam, a espaços, a dôce escuridão:—o fundo longinquo mergulhava na sombra. Nem uma porta lateral em toda a extensão! Só dum lado, à esquerda, uns respiráculos gradeados, escavados na muralha, deixavam passar um crepusculo—que devia ser o da tarde, porque, de longe em longe, listras vermelhas cortavam o lageamento. E que silêncio apavorante!... Todavia, lá em baixo, na escuridão profunda, uma porta poderia abrir-se para a liberdade! A vacillante esperança do judeu era tenaz, porque era a última.

(Do Contes Cruels)

(Continúa)

Vulgarização instrutiva

Remy de Gourmont

A dissociação das ideas

(10)

Ha muitas vezes uma distancia enorme entre o sentido vulgar duma palavra e a significação real que ela tem no fundo das obscuras consciencias verbais, ou porque varias ideias associadas se exprimem por uma só palavra, ou porque a ideia primitiva desapareceu esmagada por uma ideia secundária. Podemos, porisso, escrever, sobretudo quando se trata de generalidades, séries de frases tendo ao mesmo tempo um sentido claro e um sentido secreto. As palavras, que são sinais, são tambem quasi sempre charadas; a linguagem convencional inconsciente é muito usada, ha até matérias em que é a unica que se emprega. Mas charada implica decifração. E' difficil compreender a escrita mais sincera e o próprio autor da escrita muitas vezes o não pode fazer, porque o sentido das palavras não somente varia dum homem para outro homem, mas dos momentos dum homem para outros momentos do mesmo homem.

A linguagem é tambem uma grande causa de illusão. Evoluciona na realidade mais concreta; entre a palavra e as coisas que a palavra designa ha a distancia duma paisagem à descrição duma paisagem. E acrescenta-se que as paisagens que nós descrevemos são-nos desconhecidas, na maioria, e só as conhecemos pelos discursos, reflexos de anteriores discursos. Todavia compreendemo-nos. E' um milagre que não tenho intenção de analisar agora. Vem mais a propósito, para terminar este esboço, que é apenas um método, tentar o exame das ideias modernas de arte e de beleza.

Ignoro a sua origem, mas são posteriores ás linguas classicas que não teem palavras fixas e

precisas para as exprimir, ainda que os antigos pudessem, melhor do que nós, gosar da realidade que elas conteem. São emaranhadas; a ideia de arte está na dependencia da ideia de beleza; mas esta ultima ideia outra coisa não é senão a ideia de harmonia e a ideia de harmonia reduz-se à ideia de lógica. O belo é o que está em seu lugar.

Dai os sentimentos de prazer que nos dá a beleza. Ou antes: a beleza é uma logica que é sentida com prazer. Admitindo isto, compreenderemos logo porque a ideia de beleza, nas sociedades feministas, é quasi sempre restricta à ideia de beleza feminina. A beleza é uma mulher.

Eis um interessante ponto de análise, mas a questão é bastante complicada. Devia mostrar-se, primeiro, que a mulher não é mais bela do que o homem; que, situada pela natureza no mesmo plano, construída ante o mesmo modelo, feita da mesma carne, pareceria, a uma intelligencia sensível exterior à humanidade, exactamente a fêmea do homem, exactamente o que, para os homens, uma pôdra é para um pôdro. E até, com um pouco mais de atenção, o Marciano que instruir-se quizesse sobre a estética das formas terrestres observaria que, se uma diferença de beleza existe entre um homem e uma mulher da mesma raça, da mesma casta e da mesma idade, essa diferença é quasi sempre em favor do homem; e que se, aliás, nem o homem nem a mulher são inteiramente belos, os defeitos da raça humana são mais accentuados na mulher, em que a dupla saliência do ventre e das ancas, atractivo sexual sem dúvida, estraga desgraciosamente a dupla linha do perfil; a curva dos seios é quasi inflexa sob a influencia das costas que tendem a corcovar-se. Os nus de Carnach mostram ingenuamente as eternas imperfeições da mulher. Um outro defeito, que os artistas remediam instintivamente quando tem gôsto, é a pequenê das pernas, tão accentuada nas fotografias das mulheres nuas.

A fria anatomia das belezas femininas tem sido muitas vezes feita; é, pois, inútil insistir, tanto mais que a verificação é desgraciadamente muito fácil. Mas, se resiste tão pouco à critica, a beleza da mulher, porque se conserva, apesar de tudo, incontestável, sendo para nós a própria base da ideia de beleza? E' uma illusão sexual. A ideia da beleza não é uma ideia pura; anda intimamente ligada à ideia do prazer carnal. Stendhal apercebeu-se obscuramente deste raciocinio quando definiu a beleza «uma promessa de felicidade». A beleza é uma mulher, para as próprias mulheres, que levaram a sua docilidade para com o homem até adotarem este aforismo, que aliás não podem compreender senão na extrema perversão sexual. Sabe-se, porem, que as mulheres teem um tipo particular de beleza; os homens batisaram-no com o nome de casquilho (*bellâtre*, diz o autor, — beleza aparente). Se as mulheres fôsem sinceras, teriam ha muito tambem infligido um nome pejorativo ao tipo de beleza feminina pela qual o homem se deixa mais facilmente seduzir.

Cinematografos

Passa amanhã no écran dos cinemas High-Life e Chantecler o importante «film», da Série de Ouro, em 6 partes, 4.200 metros, **PÁTRIA**—colorido, da importante Casa Paté, de França, desempenhando os principais papeis actores de grande merecimento.

de Austria, toma por esposa morgânica uma dama de honra da Arquiducal Izabel, Chotek, uma tcheque!— *Conde de Hzenembs, Feldkirch, Brigance, e Sonnenberg*... O Arquiducal herdeiro Francisco Fernando é assassinado por uma misteriosa conjura em Serajevo, em junho de 1914.— *Senhor de Trieste, de Cattaro e da provincia wenda; Grão vyvoide de Voyrodia de Servia*... A tragedia entra no seu ponto culminante, a Austria liga se com a Alemanha para declarar a guerra ao mundo!

O enterro passa. De palidez desfeita e angustiosa, os grandes da côrte, Reis, Imperadores, Arquiducos e Marechais, não desprendem os olhos do morto. E o morto estremece de pavor, o morto geme, o morto quer pedir perdão... O clero e a nobreza, Arcebispos e Condes, a sacristia e o quartel—mas tôdos trémulos, anciados, como se vissem em aventesmas agoireiros as suas proprias almas,—almas penadas expiando crimes. Lá vem os corvos, os corvos fatais à casa dos Habsburgos! O vento curva a chama dos brandões, a chuva empapa os oiros, as purpuras e os veludos.

O' Grande da Terra—onde as lágrimas do povo, qual a mão inocente que desfolha sobre o teu cadaver uma terna flor de sincera saudade, a ti que perdeste a mulher e o filho, Espôso e Pai, a ti que precipitaste no ciclone da guerra o teu Império, ó Rei...

Regressaram de Tancos, na passada terça feira, os soldados do nosso regimento de Infantaria 20, que ali fôram receber a necessária preparação militar. De tôdas as freguezias do concelho vieram pessoas de familia, visinhos e parentes esperá-los e a cidade apresentou, por isso, naquêl dia, um aspecto alegre. As forças chegaram, com certa ordem, subindo a Rua de D. João Primeiro, e tanto no Toural, como pela Rua de Payo Galvão e sobretudo no Propôsto havia uma verdadeira romaria de gente. Abraços, cumprimentos, sorrisos. A uma esquina do Toural, pelo braço duma mulherzinha que sempre o acompanhava, um cego assistia tambem, numa grande contensão de espirito, figurando no seu cérebro a scena que, infelizmente, não podia ver. Eram mãis que levantavam os filhos ao colo, irmãs que afagavam e abraçavam os irmãos, noivas... e beijos alguns houve de amor, discretos, enternecidos... O caso é que logo apareceram as vendedeiras de castanhas com os assadores, formando em linha, o mulherio, e os pedintes de rancho.

As praças apresentavam bom aspecto e era bem visível a satisfação de se encontrarem de nôvo junto dos seus.

Não se reuniram no domingo os accionistas da Praça de Touros, como haviam sido convidados por um dos gerentes, naturalmente por os avisos não terem sido feitos com a precisa antecedencia, havendo por certo alguns com os seus compromissos tomados para aquêl dia. Mas nova convocação deve ser feita porque é, de facto, instante que se resolvam certas questões.

Conde de Villiers de l'Isle-Adam

A TORTURA PELA ESPERANÇA

—O' uma voz, uma voz para gritar!...

Edgar Poe (O Pôpo e o Pendulo)

Nas caves do Oficial de Saragôça, ao cair duma tarde de outono, o venerável Pedro Arbuez d'Espila, sexto priôr dos dominicanos de Segovia, Terceiro Grande-Inquisidor de Espanha—segui-

do dum fra redentôr (mestre-carasco) e precedido de dois familiares do Santo Ofício, que conduziavam os lampiões, desceu a uma afastada enxovia. Rangeram os gonzos duma porta macissa: e entraram num pestilento in-pace, onde à fraca luz coada do alto se enxergavam, entre os aneis soldados às paredes, um cavalete escurecido de sangue, um esquentador, uma bilha. Sobre uma palha imunda, a goliha de ferro ao pescôço, encontrava-se sentado, livido, um homem farrapôso, dum idade indistinta.

O prisioneiro era o rabi Aser Abarbanel, judeu aragonês, que,—arguido de usura e de impietôso desdem pelos Pobres,—tôdos os dias, há mais dum ano, submetiam à tortura. Todavia, porque «a sua cegueira era tam dura como a sua pele», recusava-se abjurar.

Altivo duma filiação que remontava a vários milhares de anos, orgulhoso dos antepassados,—porque todos os Judeus dignos do nome teem o cume do seu sangue,—descendia talmudicamente, de Othoniel, e, consequentemente, de Ipziboe, mulher dêste ultimo Juiz de Israel: circunstância que lhe sustentara a coragem na agudêsa critica dos incessantes suplicios.

Foi portanto com olhos lacrimosos, pensando que uma alma tam firme recusava salvar-se, que o venerável Pedro Arbuez d'Espila, aproximando-se do trémulo rabino, pronunciou as seguintes palavras:

—Meu filho, alegrai-vos: eis que as vossas provas na terra vão terminar. Se, em presença de tanta obstinação, tive de permitir, gemendo, o emprêgo de rigorosas medidas, o meu cargo de correção fraterna tem limites. Sois como a figueira brava que, despida tantas vezes de fructos, acaba por secar-se... mas só a Deus pertence estatuir sobre a vossa alma. Talvez a infinita Clemencia brilhe para vós no suprêno instante! Devemos esperá-lo! Ha exemplos... Assim seja!— Descansai, pois, esta noite, em paz. Entrareis amanhã no *auto da fê*; quer dizer que sereis exposto no *quemadero*, brazeiro premonitório da eterna Chama: só queima a distancia, como sabeis, meu filho, e a Mortê leva pelo menos duas horas (muitas vezes três) a chegar, por causa das faixas húmidas e geladas com que nós temos o cuidado de preservar a frente e o coração dos holocaustos. Sereis quarenta e três somente. Considerai que, colocado em último lugar, tereis o tempo necessário para invocar a Deus, para lhe oferecer êsse batismo de fogo que é do Espirito Santo. Confiai pois na Luz e dormi.

Findo o discurso, dom Arbuez mandou com um gesto desencadea-lo e abraçou-o ternamente. Depois foi a vez do fra redentôr que, baixinho, pediu lhe perdoasse o que o fizera sofrer para o redimir;—depois abraçaram-no os dois familiares, cujo beijo, através das cagulas, foi silencioso. Acabada a cerimônia deixaram o captivo, só e interdito, nas trevas.

Rabi Aser Abarbanel, a bôca sêca, a cara aparvoada de sofrimento, olhou a principio sem atenção precisa a porta fechada.—«Fechada?...» Esta palavra, no mais secreto de si mesmo, despertava, em seus confusos pensamentos, uma visão sonhadora. E' que entrevira, um instante, a luz dos lampiões numa fenda entre os muros da porta. Uma morbida ideia de esperança, devida ao enfraquecimento do cérebro, comoveu-o. Arrastou-se para a insolita coisa aparecida! E muito cautelosamente, tacteando com um dêdo, com longas precauções, na entre-abertura, puxou para si a porta... O' admiração! por um acaso extraordinário, o familiar

cazeiros e lavradores que estiverem em suas quintas, e cazaes encabessados, bestas, roupa, palha, galinhas, ou outras aves, e gados. Nem lhes cassem coelhos, nem outras alimarias, nem lhes cortem lenha, nem madeira em suas devezas, nem lhes fação caminhos, nem atravessadouros pelas ditas suas herdades, lavras, quintas, devezas, e terras, nem lhes passem nellas. E aquel-

les que contra isto forem, e o contrario fizerem, mandamos a todas as justiças, que lho não consintão, e lhes fação emendar toda a perda, damno, e mal que lhes for feito, e paguem mais a nós os encoutos de seis mil reis, dos quaes nos praz que haja a pessoa que os accusar dous mil reis, e outros dous mil reis haverá o Dezembargador, posto que não accuse, e o mais se ar-

recadará para nossa camera. E mandamos aos nossos almoxarifes, ou recebedores dos lugares onde os damnos forem feitos, que os recebão, e arrecadem para nós, dos que os fizerem, e forem contra isto sob pena de o pagarem de suas cazas: por quanto nossa mercê e vontade he, de os havermos em nossa guarda (e defensão).

(Continúa).



NOTICIOSA

Orfeon Famalicense

E' no dia 8 de Dezembro próximo que este reputado grupo coral visita esta cidade, realisando no teatro D. Afonso Henriques um atraente sarau, cujo programa é o seguinte:

I PARTE

- Apresentação do Orfeon, pelo sr. Padre Gaspar Roriz.
- Pelo Orfeon, sob a regência do sr. Adolfo Lima:
 - 1.º—Montanhês (Tiroleuse des Pyrennês)—A. Roland.
 - 2.º—Ceifeiras (Canção portuguesa)—F. Neves.
 - 3.º—Canção do Linho (Canção)—T. Borba.
 - 4.º—Cantos Populares — A. Joyce.

II PARTE

Pelo Grupo Scénico, dirigido pelo sr. Alípio Guimarães:

«Doidos com juizo», comédia em 1 acto, interpretada por Fernando Folhadela, Joaquim Portela, José Portela, Alexandrino Costa, Vladimiro Fernandes e José Sampaio.

III PARTE

- Pelo Orfeon:
 - 1.º—A Tempestade (Coral)—Bach.
 - 2.º—A Ventura (Barcarola)—P. Ribeiro.
 - 3.º—Toque de Avé-Marias (Canção)—F. Moutinho.
 - 4.º—Canção da Louzã—J. Arroio.
- Principia ás 20 e meia horas.
- Preços:—Frisas e Camarotes de 1.ª ordem, (frente), 3\$60; (lados), 3\$10; Camarotes de 2.ª ordem, (frente), 1\$60; (lados), 1\$10; Cadeiras, 50c; Galerias, 25c.
- Os bilhetes encontram-se à venda no Café Avenida.

Récita de gala

Comemorando o feito glorioso de 1640, realisa a nossa academia no dia 1.º de Dezembro próximo, no teatro D. Afonso Henriques, um espectáculo de gala, cujo producto liquido revertirá em benefício da «Caixa Filantrópica Académica Vimaranesense.

Fará o discurso de abertura, o presidente da academia, sr. Arménio Caldas e representar-se-hão as peças de agrado certo—D. Beltrão de Figueiróa, Espertesa Feminina, e o drama patriótico em 1 acto, Pátria.

A primeira será interpretada pelos estudantes Joaquim Bravo, Augusto Melo, José Pinto, Emílio Guerra e pelas académicas, D. Hermínia Dália Ferreira, e D. Isolina Azevedo Ferreira. As outras duas, pelos estudantes, Ar-

ménio Peixoto Caldas, José Ribeiro Amaral, António Gonçalves Viãna, Augusto Serra, D. Isolina Azevedo Ferreira e D. Maria Marinha R. Pastor.

Dirá um engraçado monólogo, o estudante Júlio Pimenta, havendo também uma surpresa pelo conhecido académico José F. Lima. Nos intervalos tocará escolhidas composições, um bem organizado quarteto.

Regresso de contingentes militares

Na segunda-feira, por volta das 15 horas, chegou de Tancos o 1.º batalhão de infantaria 20. Veio pela via ordinária, de Famalicão para esta cidade, aguardando-o na barreira, a banda do regimento, oficiais, praças e muitos populares.

O batalhão, sob o comando do major, sr. Araújo, dirigiu-se ao quartel do Proposto, debaixo de forma, passando pelas ruas de D. João 1.º e Paio Galvão que regorgitava de povo.

O aspecto dos soldados era excelente.

Também na quinta-feira, por volta das 12 horas, chegou a esta cidade a 10.ª companhia do regimento de infantaria 20, que tomou parte na última expedição a Moçambique.

O contingente expedicionário era aguardado na estação do caminho de ferro pela banda do regimento, oficiais, praças, e também muitos populares.

Recolheu ao quartel do Proposto, para onde se dirigiu com a banda de música à frente.

Actos de benemerência

O estimado portuense, sr. José Marques Coelho e sua esposa, D. Leopoldina Coelho, que estiveram nesta cidade e a quem vários estabelecimentos de caridade vimaraneses muito devem, mandou entregar, ultimamente, ao asilo de santa Estefânia, 50 camisolos, para as asiladas. Igual donativo fez à oficina de S. José. Mandou também entregar 32 pares de meias de lã ao Asilo de Mendicidade, do Campo da Feira, e 10 quilos de açúcar à Creche de S. Francisco.

Junta Geral do Districto

A Comissão Executiva da Junta Geral do Districto aprovou os orçamentos ordinários para o corrente ano económico das seguintes corporações, deste concelho: Sacramento, de S. Lourenço de Sande; Sacramento, de Santa Eu-

fémia de Prazins; Sacramento, de S. Torcato; Sacramento, de Santa Cristina de Longos; Irmandade do Rosário, da mesma freguesia; Sacramento, de S. Lourenço de Selho; Irmandade do Rosário, da mesma freguesia; Sacramento, de S. Martinho de Sande, e ainda outros.

Carteira

Na parochial de Nespereira, consorciou-se no sábado, a sr.ª D. Maria Beatriz Monteiro de Meira, filha dilecta do abalisado clinico vimaranense, sr. dr. Joaquim José de Meira, e da sr.ª D. Adelaide Sofia Monteiro de Meira, com o sr. dr. José Julio Vieira Ramos, advogado, de Barcelos.

Tem sentido algumas melhoras da doença que o tem preso ao leito, o respeitavel e considerado vimaranense, sr. Conde de Margaride.

Regressou de Lisboa, o nosso presado amigo, sr. Mariano da Rocha Felgueiras, presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal.

O bando escolástico que será recitado no dia 6 de Dezembro próximo, ocasião das tradicionais festas Nicolinas, é obra do apreciado poeta, sr. Leão Martins.

Procedeu-se hoje, no tribunal judicial desta comarca, ao sorteio do juri comercial para o futuro ano de 1917.

Foi colocado em infantaria 30, o aspirante a alferes, nosso conterraneo, sr. Aprijo Neves de Castro.

Trata-se da fundação dum centro politico por elementos do partido evolucionista.

Escola Nocturna Gratuita

AOS OPERARIOS

O Centro Republicano de Guimarães com sede na casa n.º 89 na rua Dr. Avelino Germano, julgando patriótico e absolutamente necessário empenhar todo o esforço no combate contra o analfabetismo, abre no dia 1 de Dezembro um curso nocturno de ensino primário gratuito.

Convidam-se, pois, dum modo especial, todos os trabalhadores desta cidade que se occupam no labor da fabrica ou officina sem haver recebido o proficuo e emancipador apprendizado do a b c, a frequentarem este curso nocturno, que é de duração de 7 meses e funcionará regularmente da se-

gunda à sexta-feira de cada semana, desde as 20,30 às 22,30 horas.

Confiada a regência deste curso a um professor oficial competentissimo, alguns meses de esforcada vontade são tempo sufficiente para um adulto entrar nos segredos do livro e da escrita, sendo por isso de esperar que nenhum operário, por sua honra e seu interesse, deixará de se ir matricular—tanto mais que, não só o curso é gratuito, como também gratuitamente nele se fornecerá todo o material de estudo, como livros, escritas, lousas, penas etc.

Guimarães, Novembro de 1916.
O Presidente,
A. L. de Carvalho.

AGRADECIMENTO

A Direcção da Associação Commercial de Guimarães, vem muito penhorada cumprir o dever de agradecer a tôdas as pessoas que a coadjuvaram na realização das Festas Gualterianas, protestando o seu indelevel reconhecimento.

Guimarães, 9 de Novembro de 1916.
A Direcção.

COMUNICADO

Pedem-nos a publicação, sob a exclusiva responsabilidade dos respectivos signatarios, do seguinte:

Desfazendo calúnias

Senhor Redactor:

Um semanario que nesta cidade se publica, e pelo qual tínhamos a maior consideração, saiu-se há dias um pouco arrogante e mentiroso, e para que as sandices que vomitou, não passem a ser verdades com o nosso silencio, é que nos vemos obrigados a pedir um cantinho no jornal de v... Sabemos bem que o desmentido ás mentiras que os «Ecos», disseram devia ser feito nas colunas onde foram vomitadas. Mas, temos medo, que «crevendo em tal jornal, venhamos a mentir, e isso é o que nós de maneira alguma queremos. Que os «Ecos», são veseiros, em dizer o que não é verdade, já o tínhamos notado. E, com offensa aos principios que defende, faz politica mentindo. De todos é sabido como esse jornal falou verdade, quando da romaria de S. Torquato, a respeito do senhor Madureira, administrador de então. E para não perder os habitos, vem ferir-nos na nossa dignidade, não diremos já de academicos, mas de homens. Porque um patarata qualquer, não tendo que fazer, nem que dizer, quer alguma coisa escrever, para fazer figura, os «Ecos», abrem-lhe as suas colunas, mesmo que a dignidade de outrem perigue, porque a pena de um sandeu, só sabe ofender. E na ância, de ter direiro a estima, que ninguem está disposto a dar-lhe porque a não merece, esse senhor vira-se agora para o elemento feminino, a ver se dos lábios duma mulher sai um sorriso de agradecimento, por uma defeza, que ninguem lhe encomendou, nem tinha razão de ser.

Diz esse cavalheiro que é velho, e isto leva-nos à convicção de que não lhe abunda o juizo, de contrário os anos teriam alguma coisa feito no seu cérebro desmiolado. Diz ficar envergonhado pelo modo como nos portamos para com as alunas do collegio de Vizela. Estava no seu direito, se fosse verdade o que diz. Tinha toda a razão, senhor escriba, se a Academia de Guimarães, tivesse feito o que o senhor diz ser verdade. O senhor devia primeiro informar-se e depois escrever. Onde é que o senhor viu a academia assobiar as ditas alunas e professoras? Foi o senhor que viu e ouviu, ou foi algum dos correios que há pelo liceu, e só veem defeitos no que lhe não pertence? Se o senhor escreveu porque diz que viu, mente; se um correio lhe transmitiu noticia, enganou-o. O senhor fique sabendo que, ao passar o Collegio de Meninas, foram seguidas por alguns academicos, entre os quais ta um, que o faria, por querer cumprimentar uma irmã, aluna desse collegio: E que os outros o acompanhavam, em attitude respeitosa, porque todos eram homens, que sabem muito bem como se tratam senhoras. Não são tão indelicados que fizessem o que o senhor diz. Foi verdade que outros academicos, os arreliaram, por julgarem que eles iam fazer... o que o senhor pretende fazer com o seu artigo—namoro. E que esses academicos arreliaram os tais que a distância seguiam as

meninas, e não as alunas do Collegio, prova-o o facto de, quando elas passaram sem que ninguem se lembrassem de as seguir, se conservarem calados. Demais, algum pode proibir os academicos de andarem pelas ruas? Que culpa, temos nós que diante de nós alguém siga? E, para terminar, não queira, senhor Quichote de agora, no empenho de defender meninas, que nada lhe agradecerão a sua prosa, ofender, nem fazer insinuações ao nosso querido Reitor. Ele sabe muito bem occupar o seu lugar, e não precisa de tutores. E desculpe, senhor redactor, o espaço que lhe tomamos e creia-nos desde já muito agradecidos...

Arménio Caldas, Presidente.
António Viãna, 1.º Secretário.
Jorge P. de Castro, 2.º Secretário.
Antonio Madureira, Tesoureiro.

ANUNCIO
Arrematação

No dia 10 do proximo mez de Dezembro, pelas 11 horas, á porta do Tribunal Judicial, sito na rua Gravador Molarinho, desta cidade, se teem de arrematar, em hasta publica e pelo maior preço acima da avaliação, os bens de raiz abaixo designados, isto no processo de execução por custas e multas, em que é exequente o Ministério Público, nesta comarca, e executadas Deolinda Rosa Teixeira e sua irmã Josefa Teixeira, casadas, operárias fabris, a primeira da freguezia de S. Cosme da Lobeira, e a segunda de S. Torcato, desta comarca, a saber:

Uma morada de casas terrea e telhada, com um cortelho, parte telhado e parte destelhado, quinteiro, e tendo ao sul um bocado de terreno de horta com arvores de vinho uma nogueira e uma laranjeira, situada no Souto ou Barroca, da freguezia de S. Cosme da Lobeira.

Acha-se avaliada na quantia de 50\$00.

Uma leira de terra lavradia com arvores de vinho, denominada do Tranquilo, situada na freguezia de S. Cosme de Lobeira.

Acha-se avaliada na quantia de 15\$00.

Uma leira de terra lavradia com arvores de vinho e um bocado de terra de horta tambem com arvores de vinho a que chamam os Campos, situada na freguezia de S. Cosme da Lobeira.

Acha-se avaliada na quantia de 15\$00.

Pelo presente são citados quaisquer credores incertos para assistirem á praça e deduzirem os seus direitos, querendo.

Guimarães, 18 de novembro de 1916.

Verifiquei.
O Juiz de Direito,
Santos.
O escrivão,
Luís Candido Lopes.

Estância Termal das Taipas

(Situada a 14 quilómetros de Braga e 8 de Guimarães)

Águas meso-termiais, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas (sódicas e cálcicas), cleretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais, radioativas.

AS UNICAS ÁGUAS DO PAÍS PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PELE

Tratamento das afecções dos aparelhos respiratórios, digestivos e génito-urinário; reumatismo; manifestações artríticas e sifíticas

Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção duma Médica

Instalações completas para electroterapia

CLÍNICOS DA EMPRESA:

Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevedo Fernandes

ÉPOCA TERMAL—1 de Maio a 30 de Outubro

INTERNATO MUNICIPAL

ANEXO AO LICEU NACIONAL DE GUIMARÃES

COM DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO AUTÓNOMAS

Director pedagógico—Dr. Eduardo d'Almeida.
» disciplinar—Cónego António da Silva Ribeiro—Secretário e professor do Liceu.
» administrativo—José Caetano Pereira.

Instrução primária. Montou-se uma aula modelo com professor habilitadíssimo. Alunos internos e externos.

Instrução secundária. Cursos do liceu—no Liceu de Guimarães, no mesmo edificio. Curso de 6.^a 7.^a classes—habilitação por distintos professores. Para este curso admitem-se externos.

Instrução profissional. Curso de comércio—indispensável a todos os que se destinam à vida comercial ou desejam sair do país. Cientificamente organizado, competentemente dirigido, técnico, prático. Internos e externos. Admite-se a matrícula avulsa em qualquer cadeira. Preços convencionais para empregados de comércio.

Instrução artística. Atelier escola—Expressamente construído. Cursos de desenho e pintura—professor o distinto Artista Abel Cardozo, pintor, director e professor da Escola Industrial. Aula de música-canto-dança—por um competente professor.

Educação física e moral. Inspeção médica permanente—Médico: Dr. João de Almeida, professor do Liceu. Quartos especiais para doentes. Aula de higiene—gratuita e obrigatória para todos os internos. Banheiro—duches, banhos em tinas de mármore. Educação moral e civil—palestras e conferências pelo director pedagógico. Ginásio académico—exercícios físicos. Sessões literárias e musicais. Grupo de escoteiros—Sala de armas.

A melhor casa da provincia pelas suas condições higiénicas que desafiam qualquer confronto. Tratamento abundante géneros de 1.^a ordem, e escrupulosamente limpo. Direcção pedagógica moderna. Completa liberdade religiosa, atendendo-se e respeitando-se escrupulosamente as indicações das famílias.

Pedir informações à SECRETARIA DO INTERNATO MUNICIPAL—Guimarães

FARMACIA NORMAL

Praça de D. Afonso Henriques, 17 a 20

Abriu no dia 31 de Janeiro este importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmacêuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapêutica.

— Ao Ex.^{mo} corpo clínico

— Aos seus amigos

— Ao público em geral

participam-no

Manoel Jesus de Sousa & C.^a

DEPÓSITO DE POLVORA DO ESTADO

Agencia da Companhia de Seguros

Portugal Previdente

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes
Completo sortido em molduras para quadros
Papel para forrar casas
Azulejos e mosaicos
Artigos para caçadores, e muitos outros artigos pertencentes a este ramo de negócio.

DROGARIA: FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO SUC.^{or}

78, Rua da República—GUIMARÃES

"PROSPERIDADE,"

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Marítimos

SEDE NO PORTO: RUA DE TRAZ, N.º 7-2.º

Agente em GUIMARÃES

António José Peixoto da Costa

Rua da República n.º 144

DOMINGOS VINHAREIRO & F.^{os}

GÊNEROS DE MERCEARIA
—E—
CONFEITARIA
SERVIÇO DE PASTELARIA

Executam-se encomendas para casamentos, batizados e soirés.

ESPECIAL CAFÉ Á CHÁVENA
—DA—
BRAZILZEIRA

PARISIENSE



AOS FUMADORES CIGARROS DO PARÁ

Finíssimos, de aroma especial, fabricados do melhor tabaco do Estado do Pará, como seja Bragança, Akará, e outros pontos próprios desta cultura.

A' venda nas principais casas e na sede da agência

MERCEARIA TRAZ DE S. PAIO

Rua Dr. Avelino Germano, 45—GUIMARÃES

DESCONTO AOS REVENDEDORES

O REPUBLICANO

Propried. do Centro Democrático Vimaranesse

(Publica-se aos sábados)

PREÇO DA ASSINATURA

Ano	1\$30 cent.
Semestre	85 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$50 "
Número avulso	30 "

PREÇOS DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	4 cent.
Repetição, por linha	2 cent.
Permanentes, contrato convencional.	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

O Republicano

PROPRIEDADE DO CENTRO DEMOCRÁTICO VIMARANENSE

1.º Ano

PUBLICA-SE AOS SÁBADOS

Num. 33

Ao Cidadão